Ritmo Silábico/Ritmo Acentual: Divergências quanto à definição de Ritmo do Português do Brasil

Lívia Monteiro de Queiroz Migliorini

Faculdade de Ciências e Letras – Unesp

Rodovia Araraquara – Jaú Km 1 – Araraquara/SP

Cep. 14800-901

Abstract: *This study aims to expose the divergences regard to Brazilian Portuguese (BP) rhythm definition typology. Taking into consideration that most of the linguists define stress-timed and syllable-timed rhythm based on the concept of isochrony, the classification of Brazilian Portuguese rhythm is a polemic question, because this language has characteristics of both types of rhythm.*

Keywords: *Stress-timed rhythm; Syllable-timed rhythm; Isochrony; Phonology; Brazilian Portuguese.*

Resumo: *O objetivo principal deste trabalho é expor as divergências com relação à classificação do ritmo do Português do Brasil (PB). Partindo-se do pressuposto de que a dicotomia "ritmo silábico/ritmo acentual" é definida pela maioria dos lingüistas através da noção de isocronia, alguns trabalhos classificam o PB como língua de ritmo acentual, enquanto outros, o classificam como língua de ritmo silábico, dado o fato de que esta língua apresenta características dos dois tipos rítmicos – o que caracteriza a polêmica da questão.*

Palavras chave: *Ritmo Silábico; Ritmo Acentual; Isocronia; Fonologia; Português Brasileiro.*

1. Introdução

O *ritmo lingüístico* tem sido objeto de muitas divergências entre estudiosos da área, visto que, até atualmente, não se têm definições satisfatórias quanto à sua tipologia. Em Língüística, a definição de *ritmo* está diretamente ligada à idéia de tempo, duração (Massini-Cagliari, 1992). Por este motivo, seguindo a tradição dos estruturalistas americanos - Pike (1947) - e dos foneticistas ingleses (cf. Abercrombie, 1967), as línguas costumam ser divididas em dois grupos: línguas de *ritmo silábico* e línguas de *ritmo acentual.* Tal dicotomia é definida pela maioria dos lingüistas através da noção de *isocronia.*

No entanto, mesmo levando-se em consideração que as línguas são classificadas como sendo de *ritmo silábico* ou de *ritmo acentual*, ainda hoje há muitas dúvidas com relação à classificação tipológica do Português do Brasil (PB) quanto ao ritmo. Partindo da noção de isocronia, a definição Abercrombie (1967, na tradução de MASSINI-CAGLIARI, 1992) para cada um desses tipos rítmicos é a seguinte:

> **Ritmo acentual**: (...) a recorrência periódica de movimento é fornecida pelo processo de produção de acentos: os pulsos dos acentos e, portanto, as sílabas acentuadas são isócronas.
>
> **Ritmo silábico**: (...) a recorrência periódica de movimento é fornecida pelo processo de produção de sílabas: os pulsos torácicos e, portanto, as sílabas recorrem a intervalos iguais de tempo – elas são isócronas.

São classificadas, através da idéia de isocronia, como línguas de *ritmo acentual*, o inglês, o russo, o português europeu, o árabe, ao passo que o francês, o italiano, o espanhol e o japonês são línguas classificadas como sendo de *ritmo silábico*.

No entanto, para Dauer (1983) – em seu estudo em que compara dados do espanhol (língua de ritmo silábico) com dados do Inglês (língua de ritmo acentual) –, a diferença entre as línguas de *ritmo silábico* e as línguas de *ritmo acentual* não está na noção de *isocronia,* pois, segundo a autora, o fato de os acentos recorrerem regularmente parece ser uma propriedade universal da linguagem:

> (...) A tendency for stresses to recur regularly appears to be a language universal property. The difference between **stress-timed** and **syllable-timed languages** has to do with differences in syllable structure, vowel reduction, and the phonetic realization of stress and its influence on the linguistic system.

Também é interessante observar sua definição com relação aos rótulos ritmo silábico/ritmo acentual:

> (...) since if the interstress intervals contain different number of syllables, these syllables must be either crushed together or spread out in order to maintain equal spacing of stresses in a **stress-timed language**; whereas, in a **sylable-timed language** the distance between stressed syllables would vary depending on the number of intervening syllables.

De acordo com Dauer (1983), a classificação das línguas nessas duas categorias não está relacionada com a noção de tempo (duração); desta forma, a autora faz uma indagação a respeito de sua nomenclatura, sugerindo que não há justificativa para o uso desses termos.

Ainda de acordo com Dauer (1983), se uma língua deve ser obrigatoriamente classificada dentro dessas duas categorias, fica difícil compreender como o ritmo de uma língua pode mudar, visto que alguns estudos consideram que as crianças – falantes de língua inglesa – falam, primeiramente, com um ritmo silábico e só com o tempo passam a usar um ritmo acentual (Allen & Hawkings, 1978, a*pud* DAUER, 1983).

Major (1981) atenta para o fato de que o PB está em pleno processo de mudança, de ritmo silábico para ritmo acentual (Dauer, 1983).

Para Dauer (1983, p. 60), o conceito de ritmo silábico teria sido desenvolvido por falantes de Inglês para descrever um tipo de ritmo que não fosse o do Inglês, de

modo que todas as línguas que não fossem de ritmo acentual seriam de ritmo silábico. Conseqüentemente, esse rótulo não foi totalmente aceito pelos falantes nativos dessas línguas (descritas como de ritmo silábico), por haver línguas muito diferentes classificadas dentro da mesma categoria.

Por causa desse "desconforto" causado pela definição de ritmo silábico, alguns autores, como Major (1981), consideram um terceiro tipo de línguas, as de ritmo moraico (ou mórico), nas quais

> as moras são aproximadamente iguais em duração (em que o número de moras é determinado contando-se o número de segmentos começando do final da sílaba e incluindo a primeira vogal da sílaba). (Major, 1981, p. 343-344, na tradução de Massini-Cagliari, 1992, p. 42).

Desta forma, para o rótulo "ritmo silábico" ficariam, então, reservadas apenas as línguas que *"têm sílabas de duração aproximadamente igual"* (Major, 1981, p. 344, na tradução de Massini-Cagliari, 1992, p. 42).

Talvez por essa má compreensão dos termos ritmo silábico/ritmo acentual, alguns trabalhos classificam o PB como língua de ritmo acentual, enquanto outros o classificam como de ritmo silábico, como veremos a seguir. Ou, talvez, pelo fato de o PB apresentar características relacionadas a ambos os tipos.

2. Alguns estudos sobre o ritmo do Português do Brasil (PB)

Baseado na noção de *isocronia*, Cagliari (1981) foi um dos primeiros estudiosos a tratar deste assunto com relação ao PB, classificando-o como sendo de ritmo acentual. Porém, ao realizarem *um estudo instrumental de um mesmo enunciado pronunciado por doze falantes do Português do Brasil*, Cagliari & Abaurre (1986) chegaram à conclusão de que alguns dos falantes possuíam um ritmo acentual, enquanto outros possuíam um ritmo silábico, porém todos apresentavam flutuações rítmicas.

Major (1981, 1985) também realizou um estudo sobre o mesmo assunto, apresentando evidências de que o PB seria de ritmo acentual. Para o autor, os intervalos entre os acentos não são proporcionais ao número de sílabas, além de não serem perceptíveis muitas das diferenças entre esses intervalos; *a duração das sílabas é inversamente proporcional ao número de sílabas da palavra.* (*apud* MASSINI-CAGLIARI, 1992, p. 45). O autor conclui, também, que processos de redução estão diretamente ligados à classificação do PB como de ritmo acentual, o que gera algumas dúvidas no sentido de determinar *se é o ritmo que condiciona a aplicação de processos fonológicos ou vice-versa* (MASSINI-CAGLIARI, 1992).

Um outro estudo sobre o ritmo do PB é o de Moraes & Leite (1989). Os autores mediram a duração de cada pé e essa duração foi relacionada ao número de sílabas fonéticas e fonológicas pertencentes a ele, então, partiram dos seguintes pressupostos:

1. se o ritmo fosse puramente acentual, a duração dos pés – curtos, médios ou longos – seria a mesma e, conseqüentemente, a duração silábica maior nos curtos , "neutra" nos médios e menor nos longos;

2. se o ritmo fosse puramente silábico, a duração silábica seria sempre a mesma, e os pés curtos teriam a metade da duração dos médios, que, por sua

vez, teriam a metade dos longos. A duração dos pés seria proporcional ao seu número de sílabas. (Moraes & Leite 1989: 8-9)

Sendo assim, concluíram que possuíam ritmo acentual os pés curtos e alguns dos pés médios e o restante dos pés médios e os pés longos possuíam ritmo silábico.

O fato de os autores tomarem como pressuposto a dicotomia ritmo silábico/ritmo acentual faz com que alguns dos critérios utilizados no estudo classifiquem o português como de ritmo silábico, enquanto outros o classificam como de ritmo acentual. (Massini-Cagliari, 1992).

Massini-Cagliari (1992), em seu estudo em que analisou um *corpus* de vinte enunciados, em quatro versões (o que dá um total de 40 *tokens*), dividindo-os em pés e medindo suas durações, chegou à conclusão de que, *levando-se às últimas conseqüências a noção de isocronia*, há no *corpus* analisado evidências que classificariam o PB tanto como de ritmo silábico como de ritmo acentual. Além disso, conclui que, partindo da noção de isocronia, o PB também pode não 'se encaixar' em nenhum desses tipos.

Mais recentemente, Frota, Vigário & Martins (2001) apresentam uma análise da relação entre a duração dos pés e os processos de redução vocálica que coloca, por um lado, o PE e o Inglês como indubitavelmente como línguas de ritmo acentual, ao passo que o PB ficaria em um patamar intermediário, não podendo ser classificado nem como tendo ritmo acentual nem como silábico, por apresentar processos característicos dos dois tipos de ritmo. No Brasil, Barbosa (2003) sugere que a unidade a ser considerada para a análise do ritmo não é o pé tal como tradicionalmente definido, mas uma unidade que não se inicia no início (*onset*) da sílaba acentuada e sim a partir de sua vogal.

Também alguns trabalhos de outras áreas têm trazido novas evidências para o estudo da tipologia rítmica. Com relação ao PB, por exemplo, o trabalho de Iliovitz (2005), na área de Neurolingüística, investigando a fala de sujeitos afásicos, mostrou que, a partir do acidente, o ritmo de um dos sujeitos de sua pesquisa tinha sido alterado, sendo reconhecido pelos que não o conheciam e não sabiam de sua história pessoal como "espanhol". Do ponto de vista segmental, esse sujeito específico apresentava uma maior preservação da integridade de vogais e consoantes, quando comparado ao outro sujeito (também afásico), cuja fala apresentava muito menos preservação da integridade segmental e era sentida como mais "acentual".

3. Considerações finais

A análise dos trabalhos sobre este tema nos permite observar que, partindo da noção de isocronia dos acentos, há uma predominância entre os estudiosos em classificar o PB como língua de ritmo acentual, ainda que esteja claro que os rótulos *ritmo silábico/ritmo acentual* sejam tomados em uma definição menos "ortodoxa", nesses casos.

> (...) só estudos integrados de fonética e fonologia serão capazes de apontar se há (ou não) e quais são as diferenças rítmicas entre línguas que, por intuição, os fonólogos sempre classificariam como ritmicamente diferentes. E, desta forma, se não forem abandonados os termos "ritmo silábico" e "ritmo

acentual", de uma coisa pode-se ter certeza: eles serão redefinidos. (Massini-Cagliari, 1992)

4. Bibliografia

BARBOSA, P. A. O lugar do pé métrico e do acento no modelamento dinâmico do ritmo. *Letras de Hoje*, 2003. Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 135-145.

CAGLIARI, L. C. Elementos de Fonética do Português Brasileiro. Campinas: UNICAMP. Tese de Livre-Docência defendida em 1982.

_____ & ABAURRE, M. B. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos 10*. Campinas: UNICAMP/IEL, 1986. pp. 39-57.

DAUER, R. M. Stress-timing and syllable-timing reanalyzed. *Journal of Phonetics*, 1983. 11: 51-62.

FROTA, S., VIGÁRIO, M & MARTINS, F. Discriminação entre línguas: evidências para classes rítmicas. In: *Actas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*, 2001. Lisboa: APL. p. 189-200.

ILIOVITZ, E. R. Pausa e Domínios Prosódicos na Disartria. Campinas: UNICAMP, 2005. Tese de Doutorado.

MAJOR, R. C. Stress-timing in Brazilian Portuguese. *Journal of Phonetic*s, 1981. 9(3): 343-352.

_____ . Stress and Rhythm in Brazilian Portuguese. *Language*, 1985. 61(2): 259-282.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e Ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

MORAES, J. A. & Y. LEITE Ritmo e velocidade da fala na estratégia do discurso: uma proposta de trabalho. IN Ilari, Rodolfo (org.) *Gramática do Português Falado. Volume II: Níveis de Análise Lingüística*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. pp. 65-77.